



SEÇÃO: VARIA

Transcender sem transcendência: elementos para uma reabilitação materialista da religião

Transcend without transcendence: elements for a materialistic rehabilitation of religion

Transcender sin transcendencia: elementos para una rehabilitación materialista de la religión

Rosalvo Schütz¹

orcid.org/0000-0002-4548-6652

rosalvoschutz@hotmail.com

Recebido em: 20 nov. 2019.

Aprovado em: 30 dez. 2019.

Publicado em: 12 mai. 2020.

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender como Ernst Bloch articula as concepções de materialismo e religião. Apoiando-se especialmente em F. Schelling, Bloch elaborou uma concepção de materialismo que concebe a capacidade de transcender sem a necessidade de recorrer a um ente transcendente. É a recusa radical de qualquer forma de idolatria. Carregadas de conteúdo utópico, como indicara Feuerbach, as religiões seriam um *locus* privilegiado de pré-anúncio e emergência do inédito. Seria preciso, no entanto, trazer esses conteúdos para o âmbito da práxis social mediante uma hermenêutica da esperança, de modo que não mais permaneçam apartados do ser humano, como se fossem predicados de um ser transcendente. Se a posição materialista contribui para trazer os conteúdos religiosos de volta para a imanência, a religião, por sua vez, contribui para libertar o materialismo de seus enrijecimentos, acrescentando-lhes conteúdos e sentidos humanos e messiânicos. Assim, ao situar a religião em um horizonte materialista, Bloch contribui, simultaneamente, para evitar que ela se degrade em ideologia e para que o materialismo não se petrifique em dogmas.

Palavras-chave: Hermenêutica da esperança. Idolatria. Conteúdo utópico *Heimat*.

Abstract: The aim of this article is to understand how Ernst Bloch articulates the conceptions of materialism and religion. Relying especially on F. Schelling, Bloch elaborated a conception of materialism that conceives the ability to transcend without the need to resort to a transcendent being. It is the radical refusal of any form of idolatry. Loaded with utopian content, as Feuerbach had indicated, religions would be a privileged locus of pre-announcement and emergence of the unprecedented. It would be necessary, however, to bring these contents into the realm of social praxis through a hermeneutic of hope, so that they no longer remain separated from the human being, as if they were predicated of a transcendent being. If the materialist position contributes to bringing religious content back to immanence, religion in turn contributes to freeing materialism from its rigidities by adding human and messianic content and senses to them. Thus, by placing religion on a materialistic horizon, Bloch contributes simultaneously to preventing it from degrading into ideology and materialism petrifying into dogmas.

Palavras-chave: Hermeneutics of hope. Idolatry. Utopian content.

Resumen: El objetivo de este artículo es entender cómo Ernst Bloch articula las concepciones del materialismo y de la religión. Basándose especialmente en F. Schelling, Bloch elaboró una concepción del materialismo que concibe la capacidad de trascender sin la necesidad de recurrir a una entidad trascendente. Es el rechazo radical de cualquier forma de idolatría. Cargadas de contenido utópico, como Feuerbach había indicado, las religiones serían un lugar privilegiado de pre-anuncio y surgimiento de lo inédito. Sin embargo, sería necesario llevar estos contenidos al alcance de la praxis social a través de una hermenéutica de esperanza, para que ya no permanezcan separados del ser humano, como si fueran predicados de un ser trascendente. Si la posición materialista contribuye a devolver el contenido religioso a la imanencia, la religión, a su vez, contribuye a liberar el materialismo de su rigidez, añadiéndoles contenidos y significados



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, Brasil.

humanos y mesiánicos. Así, al colocar la religión en un horizonte materialista, Bloch contribuye, simultáneamente, para evitar que se degrade en ideología y para que el materialismo no se petrifique en dogmas.

Palabras clave: Hermenéutica de la esperanza. Idolatría. Contenido utópico. *Heimat*.

Introdução: para além da dicotomia

Na tradição filosófica ocidental mais recente, a religião geralmente tem sido encarada enquanto um estágio ingênuo da consciência humana, a ser superado pelo uso da razão e da ciência ou mesmo enquanto um instrumento de dominação e opressão social que, enquanto "ópio do povo" (MARX, 2010, p. 145), forneceria elementos ideológicos capazes de reforçar a manutenção e justificação de situações de injustiça e exploração. Do mesmo modo, o marxismo, e especialmente o seu caráter materialista, é categoricamente negado a partir do ponto de vista religioso/teológico pela ampla maioria das concepções religiosas. Essas posturas têm dificultado o diálogo produtivo entre a tradição crítica, especialmente do marxismo, e a religião. No nosso modo de ver, no entanto, esse diálogo está bloqueado apenas por alguns pressupostos ideológicos e filosóficos, passíveis de superação. A existência da teologia da libertação e todo o vasto rol de práticas sociais emancipatórias latino-americanas que tanto possibilitou essa teologia quanto foi por ela estimulada, é a evidência prática de que deve ser possível uma interpretação diferenciada, em que essa dicotomia aparente possa ser superada. Isso, no entanto, exige uma nova postura adequada tanto por parte do marxismo em relação à religião quanto da religião/teologia em relação ao marxismo.

No horizonte proposto, nos parece aconselhável, pois, buscar formas de abordagem e compreensão da religião e de seus potenciais de modo que, simultaneamente, marxismo e religião possam se fortalecer mutuamente. Como veremos, a teoria de Ernst Bloch aponta para tal horizonte de compreensão². Revisitar a teoria de Bloch, além disso, nos parece especialmente salutar

no momento em que vivemos uma espécie de (re)nascimento de muitas formas inusitadas de religiosidade. Como veremos, tanto o dogmatismo religioso quanto o estorrecimento do marxismo e de um correspondente ateísmo grosseiro são, de certa forma, apenas expressões de um mesmo artifício ideológico: a idolatria. Bloch, em contraposição e apoiando-se especialmente em L. Feuerbach, propõe algo como um ateísmo religioso, também chamado de ateísmo humanista (SCHÜTZ, 2014a) ou ateísmo antropológico.

Buscaremos, primeiramente, nos apropriar de alguns pressupostos da filosofia de Ernst Bloch, tendo em vista sua tematização não usual da relação entre materialismo e religião. Apoiamo-nos aqui em Schmied-Kowarzik, que se refere a Bloch como sendo aquele que "pôde dar um passo mais profundo rumo à reapropriação materialista da filosofia da natureza de Schelling e, também, na direção de uma reabilitação 'ateísta' da religião" (2018, p. 65). Ou seja, para facilitar a compreensão de suas reflexões, buscaremos primeiro situar Bloch no contexto da filosofia materialista/da natureza herdada de Schelling para, em seguida, avançarmos na "reabilitação ateísta" da religião.

F. Schelling, filósofo que exerceu inequívoca influência no pensamento do autor, compreende a religião enquanto uma das formas constitutivas do vir-a-ser do mundo (SCHMIEDT-KOWARZIK, 2015; SCHÜTZ, 2015; ZIMMERMANN, 2015; SCHNEIDER, 2015). O devir do mundo, no entanto, não pode ser apreendido em sua totalidade pela nossa consciência, uma vez que o agora é sempre perpassado por algo obscuro, ainda a ser decifrado. O "momento obscuro do agora" – enquanto aquilo que precede o pensamento e que lhe empresta a sua vitalidade e impulso – exige que nos situemos no interior da própria emergência processual da natureza. Ou, como dirá Bloch mais tarde: "No mundo muita coisa ainda está inconclusa. [...]. Do lado de fora, porém, a vida é tão inconclusa como no eu que opera neste lado de fora. [...] O real é o processo e o processo

² Löwy (2018) afirma explicitamente que, "para compreender o que se passa nos últimos trinta anos na América Latina – a teologia da libertação, os cristãos pelo socialismo – é preciso ter em conta as intuições de Bloch sobre o potencial utópico de certas tradições religiosas".

é a mediação vastamente ramificada entre o presente, o passado pendente e sobretudo o futuro possível" (2005, p. 194). Para Bloch, importa que "o real contém em seu ser a possibilidade de um ser como utopia [...], tanto política e estética quanto metarreligiosamente" (1977c, p. 238)³. A religião será então compreendida enquanto uma dessas formas de pré-anúncio (*Vorschein*) de algo já latente na natureza que, no entanto, ainda está em processo de emergência constitutiva do "momento obscuro do agora" que ainda não se revelou por completo. Vejamos.

1 Latência: religião como emergência do *Novum* em um mundo em processo

Para Bloch, a filosofia é aparentada com o trabalho detetivesco, pois, como nos indica acertadamente Francesca Vidal, o filósofo contribui para decifrar "os sinais que se referem a desenvolvimentos ou tendências atuais. É o filósofo como detetive que quer entender os sinais, a fim de poder pensar no futuro" (VIDAL, 2012, p. 290). Ou seja, para Bloch, enquanto filósofo, não se trata apenas de descrever aquilo que de qualquer modo já é; trata-se, sobretudo, de buscar os vestígios daquilo que ainda não é, mas que pode ser. Daquilo que já está latente enquanto possibilidade objetiva na realidade, mas que, devido à nossa distração cotidiana ou por bloqueios ideológicos, ainda nos passa despercebido enquanto possibilidade real. "Pensar significa transpor" (BLOCH, 2005, p. 14). Não se trata de utopia abstrata ou fantasia, mas de utopia concreta enraizada na matéria e na história, pois se baseia em evidências objetivas. Seria preciso desenvolver e refinar a capacidade de perceber e ler os vestígios e sinais do novo, para poder ver além das aparências do cotidiano. Ou seja, desenvolver a capacidade de transcender o que está aí a partir da própria imanência.

Para Bloch, de tudo o que é humano podem-se extrair "conteúdos excedentes", os quais podem, inclusive, transcender os objetivos e impulsos que lhes deram origem. Extrair os conteúdos

enquanto herança utópica seria um dos principais desafios de um marxismo criativo. Seria uma visão ampliada da crítica de Marx a Hegel quando sugere que a filosofia de Hegel teria de ser invertida, colocada sobre os pés (VIDAL; MÜLLER-SCHÖLL, 2017, p. 370). No caso específico da abordagem das utopias religiosas, conforme sugestão de Gérard Raulet, essa inversão poderia ser concebida enquanto uma "hermenêutica subversiva" ou "dialética da secularização" dos conteúdos utópicos das religiões que, uma vez apropriados, seriam colocadas "a serviço de uma filosofia secularizada da emancipação" constituindo uma espécie de "ateísmo messiânico" (2017, p. 338). Para Bloch, por isso, secularização é sinônimo da "força de colocar algo sobre os próprios pés" (BLOCH 2006, p. 445), uma espécie de hermenêutica da esperança.

Permanecer atento aos vestígios e sinais do novo, no entanto, só se torna um posicionamento filosófico legítimo na medida em que aceitamos que o mundo está em devir, que a processualidade que o constitui ainda está aberta, pois o "agora da atividade propulsora só tem lugar em meio a coisas inconclusas" (BLOCH, 2005, p. 284). Segundo Bloch, esse pressuposto é constitutivo da própria filosofia, uma vez que essa se origina na *admiratio*. Lembremos aqui uma passagem da *Filosofia da Revelação*, do filósofo F. Schelling:

[...] o Ser que a toda potência precede, nós teremos de nominar o *Ser in-pré-pensável* (*unvordenkliche Sein*), enquanto antecedente de todo o pensamento. Aquilo que é o início de todo o pensamento, ainda não é o pensamento; [...] também existem coisas cuja possibilidade somente pode ser percebida pela sua efetividade. Apenas estas nós denominamos produções originais, aquilo que é produzido conforme um conceito já à disposição ninguém denomina de original. *Initium philosophiae est admiratio* (1977, p. 161).

Aqui se evidencia a concepção ampla de natureza elaborada por Schelling, concebida enquanto produtividade viva (*natura naturans*) que está em um processo de revelação/criação

³ Quando disponíveis edições brasileiras, as referências são feitas em conformidade com as mesmas; quando não, são traduzidas diretamente, mantendo-se a referência da obra original citada.

e na qual a história humana é concebida enquanto parte constitutiva desse processo. Acontece que a produtividade da natureza é anterior e vai para além de todo o pensar, de modo que, para Schelling, o ser tem primazia em relação ao pensar (SCHÜTZ, 2012). Segundo Bloch, é preciso cuidar para conservar a ideia acertada de Schelling: "para além do produto não esquecer o produzir" (1977e, p. 225). O nosso pensar e a própria práxis humana, portanto, se inserem nessa processualidade ampla.

No entanto, "antes de saber e pensar a si mesmas" essas tendências originais encontram-se ainda "naquele ser cego" (SCHELLING, 1977, p. 166) que geralmente não se revela diretamente para a consciência. Revela-se primeiramente em dimensões que, segundo Schelling, se fazem presentes na história humana de modo privilegiado através do mito, da arte e da religião. Para o autor, portanto, essas dimensões não são contrárias à razão, como eventualmente poderia ser pressuposto desde um ponto de vista aparentemente iluminista que pretenda simplesmente substituí-las pela razão e pela ciência. Ao contrário: elas são uma poderosa fonte desde onde o pensar é impulsionado, pois são o *locus* de emergência do inédito.

A ideia de Schelling de que a história é apenas uma das expressões da própria natureza o leva a crer que tanto a arte quanto a mitologia e a religião são modos do vir-a-ser da própria natureza, manifestações primeiras de algo latente no mundo. A religião, em vez de ser compreendida como uma pura quimera ou ilusão, deveria, portanto, ser apreendida como expressão original de potencialidades humanas e naturais em devir, emergentes. Forças que não podem ser simplesmente negadas pela consciência. Para Schelling, a religião passa a ser uma das formas de manifestação pré-racional privilegiada desde onde a razão e a própria filosofia podem fortalecer sua capacidade de transcender o instituído:

Assim como ele está neste Ser in-pré-pensável, ele simultaneamente se sabe enquanto não necessitando deste *actus* do existir, enquanto algo necessário segundo sua natureza; e justamente nesta transcendência para além do Ser originário que ele é Deus (1977, p. 176).

Bloch refere-se seguidamente àquilo que precede o pensar. No entanto, em vez de "momento in-pré-pensável", usa a noção de "momento obscuro do agora". No *Princípio esperança*, quando Bloch lança mão das metáforas da nascente e da foz, tematiza, assim, o "fluxo das coisas" enquanto espaço de coprodução da práxis humana, "[...] promovendo com seu trabalho o que está emergindo, o possível de emergir" (2005, p. 284). Vejamos:

A nascente é caracterizada pela obscuridade do agora, na qual origina-se o realizar; a foz, pelo caráter aberto do pano de fundo objetual, pra onde a esperança ruma. Reconhece-se o seguinte: no próprio realizar há algo imaturo e ainda não realizado, razão pela qual ele fraqueja; esse elemento ainda não realizado dá-se a conhecer na obscuridade do instante vivido, [...] tendência que ainda persiste, como latência ainda emergente (BLOCH, 2005, 284).

Se, por um lado, na "[...] obscuridade do instante recém-vivido, [...] junto a essa raiz, no em-si vivido, na imediatez pontual o mundo inteiro ainda é obscuro" (BLOCH, 2005, p. 286), de modo que é justamente aí que reside o principal limite de nossa consciência, por outro lado, reside aí o maior potencial no que diz respeito a uma práxis humana adequada e conscientemente coprodutiva com a natureza. É na força imanente do momento presente que se encontram os aportes mais potentes de uma utopia concreta. "Portanto, não é o mais distante, mas o mais próximo que ainda está completamente obscuro e, justamente por ser o mais próximo, o mais imanente; nesse mais próximo está o nó do enigma da existência" (BLOCH, 2005, p. 288). É no "mais imanente" que a esperança humana se enraíza de modo mais fecundo, onde ela encontra os impulsos mais vigorosos para a transcendência da realidade instituída.

De modo muito próximo de Schelling, também Bloch (2005, p. 293) vê na religião um dos momentos privilegiados através dos quais as potências do instante vivido, da força da esperança, emergem e se revelam. Deus seria o conceito que, de modo mais aproximado possível, expressaria essas potências:

[...] a obscuridade do instante vivido coincide, com toda a sua profundidade, com o modo de existência [...] que certa vez se tinha em mente com a designação mitológica "Deus", e que [...] trata-se do conteúdo final ainda não existente, ainda não produzido do próprio existir. [...] Unicamente este *transcendere* franqueado para o *novum* é a chave para o conteúdo do existir imanente.

Se Deus designa fundamentalmente "*transcendere* franqueado para o *novum*", então ele traduz algo da mais alta potência em termos de energia utópica, pois aquilo que "se imaginou sob Deus", segundo Bloch, aponta para o "problema utópico supremo, o problema do fim" (2006, p. 282), que, em termos de manifestações históricas, corresponde à "mais incondicional das utopias: a utopia do incondicionado" (2006, p. 283). Para Bloch, a leitura e apropriação do que isso representa em termos humanos constitui um dos maiores desafios para um pensamento materialista. Trata-se de perceber o emergir da própria natureza, do próprio mundo através daquilo que se apresenta como revelação divina:

Em todas as experiências tradicionalmente religiosas a casa já é um elemento real, como se dependesse apenas da cegueira dos humanos não vê-la, apenas da fraqueza da carne não entrar nela. Ainda assim a associação com as intenções simbólicas não aparentes é inevitável; elas estão contidas em todos esses acometimentos como germes de um *summum bonum*, um aí absolutamente adequado ao humano (BLOCH, 2005, p. 297-298).

De fato, a importância que Bloch atribui à religião na sua "enciclopédia de utopias", como também é chamado o *Princípio esperança*, se evidencia sobremaneira quando, no penúltimo capítulo dessa obra monumental, indica a religião como um dos modos mais potentes de revelação utópica (boa nova) e transgressão, que pode levar a um autoengajamento:

E o crescente autoengajamento fundamenta-se, em última análise, naquele transgredir específico, com que tem início todo ato religioso e no qual o ato produtivo deixa para trás todas as demais saídas e pré-aparências. Esse transgredir específico demonstra ser o da mais forte esperança, quanto mais madura a atuação das religiões, mais precisamente o transgredir do *totum* da esperança, *totum* que estabelece uma relação entre o mundo inteiro e uma perfeição inteira (BLOCH, 2006, p. 275).

Ou, como exposto mais adiante na mesma obra:

[...] a religião como legado (metarreligião) torna-se a consciência da função utópica última *in toto*: ela é o ultrapassar a si mesmo por parte do ser humano, é o transcender em união com a tendência dialeticamente transcendente da história feita pelos seres humanos, é o transcender isento de toda transcendência celestial, mas possuindo a compreensão da mesma: como uma antecipação hipostasiada do ser-para-si (2006, p. 372).

A apropriação filosófica da religião enquanto a "mais forte esperança" que "deixa para trás todas as demais saídas e pré-aparências" por meio de um "transcender isento de toda transcendência celestial" certamente não é algo convencional no território materialista⁴. O que as religiões revelam é que é possível transcender toda e qualquer realidade. Segundo Bloch, além de compreender e aceitar isso, uma perspectiva materialista também deveria indicar que isso é possível sem que seja preciso recorrer a algo transcendente externo, uma vez que a capacidade de transcender é uma dimensão constitutiva e imanente na própria natureza e, de modo especial, da práxis humana.

Nesse contexto, Bloch afirma continuar a "guinada filosófico-religiosa" de Feuerbach, na medida em que este

não pretendia ser apenas o coveiro da religião tradicional [...]. Ele estava antes tomado pelo problema do legado religioso. [...] Ele sabia [...] que, por mais que elas [as religiões] fossem desencanta-

⁴ Segundo Löwy (2018): "Ernst Bloch é o primeiro autor marxista a mudar este quadro teórico - [...] ele distingue duas correntes sociais opostas: de um lado, a religião teocrática das igrejas oficiais, ópio do povo, aparelho de mistificação a serviço dos poderosos; do outro a religião clandestina, subversiva e herética [...]. Em suas forças protestatórias e rebeldes, a religião é um das formas mais significativas da consciência utópica, uma das mais ricas expressões do princípio da esperança e uma das mais poderosas representações imaginárias do ainda-não-existente".

das, ainda permaneceria um resto nas afinidades que em essência originam o Natal, a catedral de Estrasburgo, a Paixão segundo Mateus (2006, p. 370).

Concorda também – com Feuerbach – que a religião, além de ser “a fantástica alienação de nossa essência, mediante sua penhora ao céu” (BLOCH, 2006, p. 370), suspiro e alienação das criaturas oprimidas, constitui também uma primeira forma de protesto e desejo de superação da miséria humana. Por isso, Bloch seguidamente alerta contra um ateísmo grotesco eivado por um materialismo igualmente grotesco incapaz de estabelecer uma relação produtiva com a religião. Seria preciso superar essa postura que não tem sensibilidade diante do “subversivo nem do transcender” (BLOCH, 1977, p. 22) inerentes às religiões. Se “pensar significa transpor” então também aqui, para com a religião, uma postura “detetivesca é necessária” (BLOCH, 1977, p. 23), a fim de desvendar seus tesouros ocultos e seu caráter subversivo. Por isso Bloch, propõe, no início de seu *Ateísmo no Cristianismo*, no qual trata do modo específico os potenciais utópicos contidos no cristianismo, que a tradicional expressão de que “Onde há esperança, também há religião” seja invertida, no sentido de que “Onde há religião, também há esperança” (1977, p. 23). Ou seja, a religião seria apenas uma das formas, embora das mais importantes, de manifestação da esperança, que, no entanto, precisaria sempre de uma instância crítica imanente:

Antes é justamente desde a esperança humana, aquela aliada a um *novum* melhor, que parte a crítica mais forte contra a *re-ligio* enquanto repressiva, contra a religião repressiva; contra o previamente posto lá no alto, que é diferente de uma antecipação insatisfeita e autocriativa, de um transcender sem transcendência (BLOCH, 1977, p. 23).

Por fim, cabe ressaltar que Bloch, por conceber a religião como forma privilegiada do devir, do *novum* no mundo humano e natural, não apregoa a sua superação histórica⁵, como se fosse algo

que pertencesse à infância da humanidade. Para Bloch, as “explicações e dissoluções psicogênicas de uma ilusão transcendente não conseguem diluir totalmente aquilo que deu origem à transfiguração em céu” (2006, p. 371). Aquilo que deu origem às religiões permanece no humano. Ao concordar – com Feuerbach – que “a religião é a autoconsciência primeira, ou seja, indireta, do ser humano” (1988, p. 56), Bloch aceita a premissa de que os conteúdos religiosos não são “totalmente quiméricos” e, por isso, são constitutivos da condição humana, para além de sua configuração histórica atual:

Mas mesmo que venha a ocorrer a eliminação da miséria humana, cuja expressão a religião era, tanto quanto o protesto contra ela, mesmo que essa primeira fonte, que representa o motivo desejante mais aproximado, venha a ser eliminada: mesmo nesse caso ainda permanece o fundo autônomo do conteúdo humano, que foi cedido à hipótese celestial como produto da imaginação, mas também como antecipação (BLOCH, 2006, p. 371).

Importa, segundo Bloch, não cair no equívoco em que caíram o naturalismo e o positivismo do século XIX, “pois esses de fato excluíram a transcendência, mas também algo totalmente diferente desta, um elemento vital do marxismo: o transcender – para avante, o processo” (BLOCH, 1977, p. 315).

2 Idolatrias: aparelhamento ideológico da religião e materialismo mecanicista

Bloch também tinha plena consciência da possibilidade de instrumentalização ideológica da religião para fins de legitimação de relações de dominação e exploração. Reduzida à “servilidade e ideologia dos senhores” (BLOCH, 1977, p. 23), os potenciais subversivos das religiões muitas vezes foram bloqueados e reprimidos. Com frequência, aqueles que se diziam preocupados espiritualmente com a salvação da alma estavam “junto ao poder que o explora e oprime” (BLOCH, 1977, p. 23). A religião pode, portanto, como já havia indicado Marx ao se referir a ela como “ópio

⁵ Ademais, Bloch trabalha constantemente com a ideia da simultaneidade em vez do progresso irreversível. A esse respeito, confira Dietschy, 2012.

do povo", facilmente tornar-se uma "ideologia conformista suprema". Ela pode

ligar-se também em sua arquitetura com muita facilidade ao despotismo social, inclusive ao patriarcalismo [...]. A utopia da perfeição, por mais radical e total que ela seja como utopia religiosa, transforma-se aí por força do seu conteúdo numa mera ideologia suprema (BLOCH, 2006, p. 275).

No entanto, mesmo havendo esse constante perigo de que a religião seja instrumentalizada na forma de "apaziguamentos apologeticos" e de que esse sentimento piedoso possa 'cegar', ele "[...] pode também fazer com que se dê uma espiada em outro lugar, onde talvez esteja se passando uma vida diferente, extraordinária" (BLOCH, 2006, p. 276). Para Bloch, a capacidade de transpor o existente "[...] faz parte de toda relação religiosa, ou não se trata de uma" (2006, p. 276-277). Por isso, Bloch sugere que, antes de se efetivar uma "desmitologização" (*Entmitologisierung*), seria adequado realizar uma "desteocratização" (*Entheokratisierung*), a fim de libertar os conteúdos humanos das religiões das suas instrumentalizações ideológicas, buscando extrair seus conteúdos voltados para o futuro enquanto inseridos no amplo "experimento mundo" (BLOCH, 1977, p. 354).

Como, segundo Bloch, o ser humano não consegue viver sem esperança e como a religião pode representar o pré-aparecer mais notável desta, se torna fácil entender por que há uma tendência tão forte de instrumentalização da religião para fins ideológicos: uma neutralização e instrumentalização da força mobilizadora e rebelde da utopia religiosa. Aqueles que detêm o poder geralmente intuem o que os conteúdos religiosos representam e, por isso, a todo custo, buscam colocá-los a seu serviço. Portanto, não que a religião seja automaticamente conservadora, como muitas vezes se acredita em alguns círculos intelectuais, mas, por ela ser uma das dimensões mais potentes e sensíveis da humanidade é que sua apropriação instrumental é tão almejada: para a legitimação da dominação.

É, pois, justamente nessa potência mobilizadora

característica das religiões que reside o motivo pela qual elas são tantas vezes degradadas à ideologia de opressão. Isso, no entanto, não consegue retirar delas os conteúdos humanos libertários imanentes. Não há religião sem esperança, e a esperança é sempre o desejo de transpor o existente, "o protesto da criatura oprimida" que quer se libertar da situação de opressão. A alienação religiosa consistiria justamente em neutralizar esse protesto na medida em que o mesmo é projetado para outro mundo, para um ente externo, de modo que as condições sociais que geram a situação opressora permaneçam tal e qual. Bloch sugere que, mesmo assim, esses conteúdos podem ser liberados e impulsionar processos históricos-sociais de libertação: reino dos céus que se torna humano, reino da liberdade.

De certo modo, pode-se dizer, com Heiko Hartmann, que o objetivo de Bloch, com sua filosofia ateísta da religião, é a "liberação das substâncias e motivos utópicos para um transcender do mundo deficitário existente, mas sem recorrer à transcendência" (2012, p. 39). Isso porque, embora apareça como sendo algo muito remoto e distante, de fato na religião se expressam os conteúdos de esperança mais significativos: "O mais penetrante é o religioso no sentido do autoengajamento humano no mistério: o além mais remoto é o nosso aquém mais próximo, a nossa proximidade mais imanente" (BLOCH, 2006, p. 383). É preciso, portanto, tomar cuidado para "que a criança não seja derramada junto com a água do banho" (BLOCH, 1977, p. 20) no momento da crítica à religião, pois, por mais degradados, deturpados e instrumentalizados que sejam os conteúdos religiosos, seu conteúdo rebelde-utópico não pode ser eliminado, uma vez que isso implicaria sua própria aniquilação como religião. "O conteúdo imaginado e ansiado sob Deus é tão superior à realidade existente que, apesar de todas as hipóteses da realidade, ele representa crescentemente um ideal utópico que não é refutado pelo seu não ser" (BLOCH, 2006, p. 285).

Em toda religião permanece "a profunda carência que fez brotar essa mesma esperança, mesmo que [...] num supraespaço supostamente

existente" (BLOCH, 2006, p. 368). Por isso, mesmo que os fundadores das religiões ou aqueles que monopolizam e manipulam suas manifestações busquem aprisionar seus conteúdos rebeldes, isso não é possível por completo, pois

[...] a história da consciência que o ser humano tem de Deus de modo algum é a história da consciência que Deus tem de si mesmo, e sim a história da consciência do conteúdo mais avançado possível em cada momento da existência aberta para diante, para cima, para o fundo (BLOCH, 2006, p. 284).

A superação desse equívoco – que projeta os anseios humanos para outro mundo como se fossem predicados de um ser transcendente intencionalmente instigado por aqueles a quem as potências revolucionárias da religião não interessam – requer, além de crítica constante às degradações ideológicas da religião, uma postura teórica e prática não preconceituosa com a mesma. Não há de se levar em conta apenas "o mito estático, conseqüentemente apologético, mas [também] o messianismo escatológico-humano, conseqüentemente de constituição explosiva" (BLOCH, 2006, p. 276). Tal "hermenêutica subversiva" (RAULET, 2017, p. 338) é de fundamental importância para tornar a herança religiosa uma herança emancipatória, mas também para conferir dinamicidade ao materialismo: para que nem aquela nem este se degradem em idolatrias, ou seja, criaturas que se automatizam e sobrepõem aos seus criadores.

3 Contraindolatrias: hermenêutica subversiva e herança messiânica

Tornar estático o que é dinâmico, aprisionar o devir histórico em conceitos prévios, atribuir a um ente externo ou automático o que é próprio da emergência humana no mundo mediante a práxis, enfim, bloquear a realização daquilo que ainda não é, mas que pode ser, eis um dos principais artifícios daqueles que estimulam e se beneficiam

das idolatrias. "Falsos deuses", cujas imagens são adoradas e justificam a opressão, o determinismo, a injustiça social e mesmo a morte⁶. Por não perceber nas religiões mais do que expressões idolátricas, o que muitas vezes elas de fato são, muito pouco se percebeu e valorizou de seu caráter utópico-subversivo. A posição de Bloch, no entanto, é claramente diferenciada. Para ele, "[...] a fantasia religiosa de modo algum deve ser liquidada *in toto* pelo desencantamento já alcançado da visão de mundo, mas unicamente por um conceito filosófico específico que faça jus ao conteúdo intencional último dessa fantasia" (BLOCH, 2006, p. 285). Ou, dito de outro modo:

Por essa razão, a fé da esperança, que possui o maravilhoso como algo ainda indefinido quanto ao conteúdo, mas como seu conteúdo inconfundível, é superstição apenas no nível da empiria mecânica ou, o que aqui resulta no mesmo, da utopia abstrata, mas de forma alguma no nível da utopia concreta e do seu mundo processual-dialético ainda aberto para frente (BLOCH, 2006, p. 394).

A abordagem de Bloch, portanto, aponta explicitamente para esse potencial, de modo a indicar as vantagens emancipatórias complementares em uma possível aproximação entre marxismo e religião. Ou seja, uma via de mão-dupla. Na expressão de Löwy ([2018]):

Bloch [...] reconhece evidentemente o caráter dúbio do fenômeno religioso, seu aspecto opressivo e seu potencial de revolta. É necessário, para apreender o primeiro, o que ele chama de "a corrente fria do marxismo": a análise materialista implacável das ideologias, dos ídolos e das idolatrias. Para o segundo, ao contrário, é "a corrente quente do marxismo" que é exigida, para procurar salvaguardar o excedente cultural utópico da religião, sua força crítica e antecipatória.

Embora de fato essa afirmação esteja em consonância com Bloch, ela ainda nos parece parcial no sentido de que dá a impressão de que

⁶ Em obra recente, Ricardo Timm de Souza tematiza a idolatria e suas conseqüências. Cita Vilém Flusser: "Idolatria: incapacidade de decifrar os significados da ideia, não obstante a capacidade de lê-la, portanto, adoração de imagem" (FLUSSER, apud SOUZA, 2018, p. 27). Também E. Levinas é referido: "A injustiça social e todas as formas de exploração são apenas eufemismos do assassinato" (LEVINAS, apud SOUZA, 2018, p. 115). De modo que, se a "Idolatria é morte, seu verdadeiro nome" (Idem, p. 137), então, "não é difícil [...] perceber que a luta contra a idolatria é, simplesmente, a luta contra a morte" (Idem, p. 142).

o marxismo não seria afetado por essa "relação". No entanto, também ele pode ser petrificado e virar idolatria, na medida em que se fecha para o devir da processualidade histórica e natural. É, pois, justamente a corrente quente do marxismo que pode ser fortalecida, senão fecundada, pelo "excedente cultural utópico da religião" de tal modo que os conteúdos utópicos da religião o revigorem de modo inédito. Nesse sentido, é adequada a formulação de Moltmann (1978, p. 484), em sua *Teologia da Esperança*, onde sugere que Bloch (2006), de certo modo, indicaria para um "marxismo religioso" no qual se influenciaria "o religioso de modo irreligioso e o irreligioso de modo religioso", pois, em várias passagens de seus textos, Bloch deixa transparecer ou mesmo realiza diretamente críticas ao que chama de "ateísmo ingênuo", "ateísmo burguês", "marxismo economicista", ou mesmo "materialismo vulgar".

Nos parece evidente que é a essas noções rebaixadas de ateísmo e de materialismo, expressas por diversas concepções ditas marxistas, que Bloch se refere e pretende "reavivar" pela introdução do "excedente cultural" religioso. Na medida em que o "ateísmo trouxe esses tesouros transcendentais novamente para a imanência" (BLOCH, 2006, 376), eles podem passar a ser constitutivos de modos não religiosos de práxis histórica. Segundo Bloch, não se trata de qualquer herança, mas do "conjunto do autoengajamento dos fundadores no mistério religioso, ou seja, o *positivum* religioso mais potente que existe", qual seja, o de constituir um sentido de (re)ligação não alienada entre os seres humanos e destes com a natureza. Mesmo assim, a religião se inclui entre aquelas experiências simbólicas que não são deterministas, embora sejam decisivas na definição das perguntas últimas, ou seja, dos sentidos e objetivos da práxis humana⁷.

Essas experiências de um estado final utópico certamente não tornam esse estado fixo, senão não se trataria de experiências de mera intenção simbólica nem de experiências utópicas, ou

até centralmente utópicas. Elas, porém, atingem de fato o cerne da latência, mais precisamente como pergunta última que repercute dentro de si mesma (BLOCH, 2005, p. 285).

E, com um o ateísmo assim concebido, compreende-se algo mais do que uma simples contradição entre religião e materialismo, pois "[...] o ateísta que compreendeu o que se imaginava sob Deus como uma indicação para o conteúdo humano ainda não manifestado não é nenhum Anticristo" (BLOCH, 2006, p. 376-377). Não sendo os conteúdos religiosos pura ilusão ou fruto da ignorância, ela pode transmitir uma herança ímpar para uma práxis orientada por uma concepção materialista (co)produtiva entre seres humanos e natureza. "O ser humano herda os tesouros transcendentais na medida em que se trata de tesouros e não de meras carrancas daquilo que não se entendia" (BLOCH, 2006, p. 377). Bloch expressa essa convicção também em sua obra *Ateísmo no Cristianismo*:

Ateísmo é o pressuposto da utopia concreta, mas a utopia concreta também é implicação imprescindível do ateísmo. Ateísmo como utopia concreta é num mesmo ato fundamental tanto a eliminação da religião quanto a esperança herética da religião, posta sobre os pés humanos. Utopia concreta é filosofia e práxis do conteúdo tendencial latente no mundo (1977, p. 317).

Ademais, como a religião é uma das expressões mais significativas desse "conteúdo tendencial latente no mundo", ela revela aspectos "contudentemente metarreligiosos", algo que, no entanto, só pode ser derivado de um conceito de ateísmo que vá para além da "trivialidade do pseudoiluminista" (BLOCH, 2006, p. 372) e, "advindo do finalmente compreendido em suas dimensões profundas [...], de acordo com o seu *positivum* último, é o reino da liberdade. É para isso que ele mantém o mundo aberto para frente e avanta" (2006, p. 377).

Schneider chega a afirmar que o "impulso

⁷ Confira aqui a tese de doutorado de Lorenzoni (2019): *"Não esqueça o melhor": tema e variações da sinfonia ética em O Princípio Esperança de Ernst Bloch*, onde é demonstrado que "o Bem Supremo", "o melhor", indicados pela busca de uma *Heimat* humana envolvendo inclusive uma relação não alienada como a natureza, está *permanentemente* pressuposto na análise materialista-utópica de Bloch, conferindo sentido e significado a toda ação.

para o *Ultimum* é aquilo que interessa a Bloch no religioso" (2015, p. 112). Nas palavras do próprio Bloch, "o que se salva [...] é, portanto, unicamente o conteúdo do desejo e a profundidade da esperança que se manifestaram nas imagens religiosas, transcendendo a insciência e a pura fantasmagoria" (2006, p. 378). Se, de fato, a "crítica reconduz os conteúdos religiosos ao desejo humano" (BLOCH, 2006, p. 373), então aquilo que "pode ser trazido do céu para a terra produz profunda imanência" (2006, p. 374). Assim, por exemplo, até mesmo os milagres, na medida em que indicam um *novum* que "quer de todas as maneiras ser, já agora, novo céu e nova terra em pequenas proporções" (BLOCH, 2006, p. 391), explicitam um excedente cultural capaz de "possibilitar avanços (sem quaisquer alianças com alguma transcendência ou mesmo convenções transcendentais): [...] uma pré-manifestação e uma possível manifestação real" (2006, p. 394).

Segundo Bloch, a corrente fria do marxismo sugere investigar "de modo detetivesco a história e suas ideologias até o presente" e a corrente quente sugere o "para quê, o conteúdo humano do objetivo distante" para o qual a religião poderia contribuir, na medida em que, por exemplo, indica o "reino da liberdade" com sendo esse horizonte a ser buscado (1977, p. 349). Nos "excedentes culturais", quando estes não se deixam "esgotar pelas ideologias" (1977, p. 350), finalmente aquilo que era pensado como sendo Deus poderia ser concebido como algo humano e natural. A naturalização do ser humano e a humanização da natureza, anunciadas como possibilidade por Marx (1964a, p. 192), encontrariam, por exemplo, no objetivo de "um novo céu e uma nova terra" um correlato cristão, ambas indicando para a superação da alienação dos seres humanos entre si e com a natureza.

A corrente quente do marxismo, portanto, seria enormemente fortificada, segundo Bloch, com essa aproximação crítica da religião, pois a vitalidade da "ciência-consciência matarreligiosa do problema último do para-onde e do para-quê" (BLOCH, 2006, p. 284) indicaria e pré-anunciaria o "front do processo do mundo" (BLOCH, 1977, p. 352). Esse seria o ponto-chave tanto para uma religião

não alienada quanto para um marxismo "tornado consciente de suas dimensões profundas" (1977, p. 345). Portanto, também o materialismo dialético, enquanto herdeiro dessa tradição ateísta comprometida com a transformação do mundo na perspectiva de uma "*reversibilidade qualitativa*", encontraria nessa relação produtiva com a religião, a possibilidade de superar "o materialismo unilateral da ciência natural [...] da repetição mecânica, da pura quantidade, do devalde histórico" (BLOCH, 2005, p. 282).

O "para-onde", com cuja indicação a religião pode contribuir de modo decisivo, certamente não deveria ser esquecido, pois não "[...] existe um mundo possível de transformação sem a apreensão do horizonte de possibilidade real-objetiva que há nele; não sendo assim até a sua dialética ficaria marcando passo" (BLOCH, 2005, p. 282. Ou seja, um dos principais resultados da crítica da religião, tal como Bloch a encaminha, é a exigência de superação do próprio materialismo concebido de um modo demasiadamente mecânico, onde a questão dos fins, o sentido para a práxis, parece não ter tido importância. A "repetição mecânica, da pura quantidade, do devalde histórico" também se revelou, para Bloch, uma idolatria a ser superada e a herança messiânica parece ser um possível antídoto vigoroso.

Por outro lado, a apropriação do conteúdo utópico ou do também chamado "excedente cultural da religião" precisaria justamente da contribuição da corrente fria e ateísta do marxismo, ou, como Bloch expressa repetidas vezes: o fator humano da utopia religiosa-ateísta só poderia ser preservado, tornado força histórica da práxis, por meio da crítica à religião realizada pelo materialismo dialético. A formulação de Bloch é elucidativa:

[...] o materialismo autêntico, o dialético, anula justamente a transcendência e a realidade de toda hipótese de Deus, sem, no entanto, eliminar dos conteúdos qualitativos finais do processo, da utopia real de um reino da liberdade, o que se tem em vista com um *ens perfectissimum* (2006, p. 283).

De certa forma, o "céu" é defendido enquanto

conteúdo final a ser atingido. Por isso, o próprio ateísmo, nessa perspectiva secularizada, pode ser tomado como "[...] enorme piedade, o mais caloroso amor divino" (BLOCH, 1977d, p. 341), já que recupera e torna esses valores bases para uma práxis social efetiva, no interior da processualidade viva do mundo. De modo que se torna possível afirmar que o "elemento a ser cumprido, a ser esperado em virtude do processo [...], o reino [...], permanece como espaço messiânico avançado, mesmo sem qualquer teísmo, sim, ele só permanece se estiver isento de teísmo" (BLOCH, 2006, p. 283).

Bloch indica para a possibilidade de "uma nova antropologia da religião", capaz de tornar esse "horizonte sócio-humano" revelado indiretamente "por essas tremendas asas que se formaram na humanidade" (2006, p. 286) através da religião, em base e sentido de uma práxis emancipatória renovada. Em termos teórico-filosóficos, isso implica dizer que as religiões revelam uma intencionalidade de transformação ao transmitirem um legado utópico humano inédito. A elas, por isso, só pode fazer jus "um conceito de saber que enriqueça a si próprio com a consciência religiosa" (BLOCH, 2006, p. 284). Um ateísmo que possa levar a cabo aquilo que o messianismo religioso anunciou:

A existência de Deus, sim, Deus de um modo geral como um ente é superstição; fé é unicamente a voltada para o reino de Deus messiânico – sem Deus. Em consequência disso, o ateísmo é tão pouco inimigo da utopia religiosa que constitui o pressuposto desta: sem o ateísmo, o messianismo não tem lugar (BLOCH, 2006, p. 283).

No horizonte de futuro possível de ser alcançado pelo marxismo depois de incorporar a herança religiosa e mesmo depois que se criaram as condições para que as religiões se libertem das artimanhas ideológicas que as degradam a instrumentos de poder opressor, descortina-se a possibilidade de um "futuro autêntico, ou seja, um futuro que consiste no que nunca havia sido daquele modo" (BLOCH, 2005, p. 284).

Considerações finais

Para Bloch, a tarefa subversiva da Filosofia consiste na investigação e potencialização detetivesca da esperança em meio a um mundo que, muitas vezes, impele para a apatia, a indiferença e a impotência. Poder se sentir em casa neste mundo, sem temer ou se submeter a um suposto transcendente, em um sentido blochiano, implica a luta pela libertação de todas as formas de idolatria. Sejam elas de origem filosófica, religiosa, científica, cultural ou social, as formas idolátricas podem ser submetidas à hermenêutica da esperança e seus conteúdos utópicos e subversivos liberados, de modo a subsidiar a práxis emancipatória. Isso, no entanto, implica transcender e transpor o existente sem impor um novo transcendente que não tenha sido gestado pela práxis histórica e solidária. Implica a esperança de que no aqui e agora já estão dadas as condições objetivas para avançarmos rumo a uma realidade condizente com nossas possibilidades.

A ocultação dessas condições propícias, no entanto, é permanente. Todas as formas de esperança podem, inclusive, ser instrumentalizadas e colocadas a serviço das relações de poder e opressão. Com Bloch, podemos apreender que, assim como todas as manifestações humanas que expressam um *front* no emergir humano/histórico/natural do mundo, também a religião corre sempre o risco de ser ideologicamente instrumentalizada, mas que "[...] não há outro caminho senão o da reconstrução árdua da esperança, e esperança é a tarefa por excelência da *desidolatrização do real*" (SOUSA, 2018, p. 14). A *desidolatrização* equivale à luta pela vida e contra a morte em todas as esferas, inclusive no interior da religião e do materialismo. Seja onde for que o pensamento e a realidade social se apresentem de modo que a possibilidades de transcendê-la estejam bloqueadas, se estabelece alguma forma de idolatria. Transcender o real implica em não sucumbir ao status quo existente. E essa é uma das coisas que as religiões, que inevitavelmente pressupõem a esperança, nos ensinam: o mundo está em devir e pode ser outro!

A herança cultural da religião, liberta pela hermenêutica da esperança, constitui, certamente, um dos elementos centrais para a visualização de um horizonte de sentido que dê legitimidade para a práxis humana em uma perspectiva emancipatória. Isso não implica a declaração de uma crença dogmática, mas, como sugere Schmied-Kowarzik, uma espécie de "religião ateísta" (2015, p. 36), de modo que de tão humanas algumas questões possam ser consideradas divinas e, de tão divinas, outras possam se anunciar como as esperanças humanas mais concretas, pois, segundo Bloch, "apenas os maus se constituem através de seu Deus, mas os justos – aí Deus se constitui através destes" (1977d, p. 346).

Há, pois, na análise de Bloch, uma via de mão dupla, onde os conteúdos humanos da religião, libertos das amarras ideológicas, são colocados no terreno da utopia concreta, de modo a constituir a possibilidade de sua efetivação real e, por outro lado, há a possibilidade de fortalecimento da perspectiva materialista: revitalizando o sentido messiânico que um marxismo demasiadamente apegado à corrente fria não soube valorizar. Essa leitura blochiana, portanto, indica pistas contundentes para, desde um ponto de vista materialista, imunizar as religiões contra a instrumentalização ideológica e, simultaneamente, fortalecer o caráter humano e histórico do materialismo em oposição a suas tendências "enrijecidas e não dialéticas" (1977b, p. 16).

Descortina-se, assim, a possibilidade de um horizonte comum, ou, ao menos, com afinidades eletivas significativas. Algo que as experiências emancipatórias inspiradas pela teologia da libertação latino-americana já tenham efetivamente indicado. Um horizonte que certamente passa pelo imperativo de lutar para "[...] derrubar todas as condições em que o homem surge como um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível" (MARX, 1964, p. 86), mas que, para além disso, se orienta também por um *ultimum* ainda mais amplo: "[...] a humanidade socializada, aliada a uma natureza mediada por ela, significa a reconstrução do mundo como pátria

ou lar (*Heimat*)" (BLOCH, 2005, p. 282). O mundo como pátria ou lar é esse horizonte messiânico, latente e emergente na mais pura imanência materialista onde confluem os conteúdos de esperança da religião e do materialismo.

Referências

BLOCH, Ernst. *Atheismus im Christentum*. Zur Religion des Exodus und des Reichs. Gesamtausgabe 14. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1977.

BLOCH, Ernst. *Das Materialismusproblem, seine Geschichte und Substanz*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1972/1977b.

BLOCH, Ernst. *Experimentum mundi*. Fragen, Kategorien des Herausbringens, Praxis. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1975/1977c.

BLOCH, Ernst. *Geist der Utopie*. Zweite Fassung. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1964/1977d.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. v. 1.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006. v. 3.

BLOCH, Ernst. *Thomas Münzer als Theologe der Revolution*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1921/1977e.

DETSCHY, Beat. Ungleichzeitigkeit, Gleichzeitigkeit, Übergleichzeitigkeit. In: DIETSCHY, Beat; ZEILINGER, Doris; ZIMMERMANN, Rainer (hrsg.). *Bloch-Wörterbuch: Leitbegriffe der Philosophie Ernst Blochs*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012. p. 589-633. <https://doi.org/10.1515/9783110256710>.

FEUERBACH, Ludwig. *A Essência do Cristianismo*. Campinas: Papyrus, 1988.

HARTMANN, Heiko. Atheismus. In: DIETSCHY, Beat; ZEILINGER, Doris; ZIMMERMANN, Rainer (hrsg.). *Bloch-Wörterbuch. Leitbegriffe der Philosophie Ernst Blochs*. Berlin: Walter de Gruyter, 2012. p. 38-51.

LORENZONI, Anna Maria. "Não esqueça o melhor": tema e variações da sinfonia ética em *O Princípio Esperança* de Ernst Bloch. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, UNIOESTE, Toledo, 2019.

LÖWY, Michael. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZALEZ, Sabrina. *A teoria marxista hoje: Problemas e perspectivas*. [S: l]: Expressão Popular, 2007.

LÖWY, Michael. Ópio do povo? Marxismo crítico e religião. *Revista Movimento: Crítica, teoria e ação*, [s. l.], abr. 2018. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2018/04/opio-do-povo-marxismo-critico-e-religiao-michael-lowy/>. Acesso em: 09 out. 2019

MARX, Karl. Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel (Introdução). In: MARX, Karl. *Manuscriptos Económico-Filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Manuscriptos económico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1964a.

MOLTMANN, Jürgen. *Theologie der Hoffnung*. Untersuchungen zur Begründung und zu den Konsequenzen einer christlichen Eschatologie. München: Chr. Kaiser Verlag München, 1966.

MÜNSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RAULET, Gérard. Die Utopie des Reichs. In: ZIMMERMANN, Rainer (org.). *Ernst Bloch: das Prinzip Hoffnung*. Reihe Klassiker Auslegen. Herausgegeben von Otfried Höffe. Berlin: De Gruyter, 2017. p. 337-357.

SCHNEIDER, Volker. Schellings Ökonomie Gottes: eine Spurensuche mit Bloch. In: JAHRBUCH DER ERNST-BLOCH-ASSOZIATION. *Vorschein* 33. Nürnberg: Antogo Verlag, 2015. p. 95-120.

SHELLING, J. Friedrich. *Philosophie der Offenbarung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *A relação dialética do homem com a natureza*. Estudos histórico-filosóficos sobre o problema da natureza em Karl Marx. Tradução de Rosalvo Schütz. Cascavel: Adunioeste, 2019.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. Die Produktivität der Natur und die Produktivität der Menschen – Schellings Konkretionen zur Prozessphilosophie Ernst Bloch. In: JAHRBUCH DER ERNST-BLOCH-ASSOZIATION. *Vorschein* 33. Nürnberg: Antogo Verlag, 2015. p. 15 -36.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. Ernst Bloch – Hoffnung auf ein Allianz von Geschichte und Natur. In: SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. *Das dialektische Verhältnis des Menschen zur Natur*. Philosophische Studien zu Marx und zum westlichen Marxismus. Freiburg/München: Verlag Karl Alber, 2018.

SCHÜTZ, Rosalvo. Ateísmo um humanismo? *Revista Dialectus*, [s. l.], n. 04, p. 127-149, 2014a.

SCHÜTZ, Rosalvo. Antes e depois da razão: sobre a filosofia positiva de Schelling. *Cadernos de Filosofia Alemã*, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 95-110, 2014. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v19i2p95-110>.

SCHÜTZ, Rosalvo. Bloch, ein Schellingianischer Marx? Überlegungen zu den Voraussetzungen einer engagierten Philosophie. In: JAHRBUCH DER ERNST-BLOCH-ASSOZIATION. *Vorschein* 33. Nürnberg: Antogo Verlag, 2015. p. 81-94.

SCHÜTZ, Rosalvo. Immanez und Latenz der kleinen Tagträume. In: ZIMMERMANN, Rainer (hrsg.). *Ernst Bloch: das Prinzip Hoffnung*. Reihe Klassiker Auslegen. Herausgegeben von Otfried Höffe. Berlin: De Gruyter, 2017. p. 35-49.

SOUZA, Ricardo Timm de. Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência. Porto Alegre: Zouk, 2018.

VIDAL, Francesca. Sherlock Holmes nos estudos culturais. Tradução de Rosalvo Schütz e Adriano Steffler. *Revista Dialectus*, ano 01, n. 2, p. 279-295, jan./jun. 2013.

VIDAL, Francesca; MÜLLER-SCHÖLL, Ulrich. Ernst. Sein wie Hoffnung. Näherung an Gelungenheit. In: ZIMMERMANN, Rainer (hrsg.). *Ernst Bloch: das Prinzip Hoffnung*. Reihe Klassiker Auslegen. Herausgegeben von Otfried Höffe. Berlin: De Gruyter, 2017. p. 359-384.

ZIMMERMANN, Rainer. Zur Grundlegung der Natur bei Bloch und Schelling. In: JAHRBUCH DER ERNST-BLOCH-ASSOZIATION. *Vorschein* 33. Nürnberg: Antogo Verlag, 2015. p. 53-68.

Rosalvo Schütz

Docente de Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), bolsista de produtividade do CNPq e pós-doutorando no PPG em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, (PUCRS. POA, RS, Brasil)

Endereço para correspondência

Rosalvo Schütz

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Rua da Faculdade, 645, Prédio da Filosofia, 2.º piso

Jd. Santa Maria, 85.903-000

Toledo, PR, Brasil